

TRÊS ESTUDOS SOBRE WAMOSY

1 — O TEMA DA NATUREZA EM ALCEU WAMOSY

Alice T. C. Moreira

É revelador na obra de Wamosy, o aspecto sob o qual se apresenta a natureza. O levantamento do vocabulário de "Poesias", relacionado com esse tema, forma as seguintes constelações, em ordem decrescente de freqüência:

- a) LUZ — sol, céu, lua, estrela; aurora, madrugada, manhã, dia, tarde, por do sol, noite; amargura, ardor, mansidão, palidez; doirado, quente, vibrante, forte, glorioso, velho, risonho, loiro, tristes.
- b) TERRA — jardim, estrada, senda, rua; flores, rosa, magnólia, lírio, verbena, lótus, camélia; messe, primavera, outono; fanado, fechado, profundo, íntimo, esquivo, pensativo, ledas, róseas, noturno, suave, encantado.
- c) ÁGUA — lago, fonte, chuva; fresca, sonora, verde, adormecida.

O emprego dos substantivos e a adjetivação que os acompanha, levam-nos a concluir que não se referem à realidade objetiva:

O meu suave jardim de flores misteriosas,
De castas florações de tortura e amor,

"A natureza é interpretada, a paisagem inventada, antes que vista e descrita". (1) É esta paisagem impressionista a que encon-

(1) Afrânio Coutinho — A Literatura no Brasil, vol. IV — Rio de Janeiro, 1969 — Editorial Sul Americana S.A. — pág. 15.

tramos na poesia de Wamosy, onde a constante é a claridade, manifestada pelas oposições luz/treva, dia/noite e suas gradações, gerando um universo luminoso. A LUZ se derrama sobre a TERRA, sem contornos, nem relevos, cuja vegetação é o indefinido da messa; sobre a estrada erma; ou mansamente iluminando o lago coberto de bruma, e o jardim noturno. A flor não está no jardim, é, quase sempre, elemento simbólico. Branca ou de cores indefinidas, marca a vaguidão, o mistério, a espiritualidade.

A preferência pelos maios tons da aurora e do por do sol não é, propriamente, a tendência à penumbra, atribuída a Wamosy como simbolista. Em raras poesias há realmente penumbra. Há sempre uma luz clara, difusa, levemente colorida, sem angústia:

Está raio de sol, doirado e quente,
De uns tempos para cá, todos os dias,
Vem trazer-me a sua luz alegremente,
E vem povoar-me a alcova de alegrias...

Entra, ao menos até que as curvas do caminho
se banhem no esplendor nascente da alvorada.

Dos teus raios de luz doirada e merencórea,
Que enchem de claridade o fundo do meu ser,
Quando de mim se afasta a estrela da victoria,

Mergulha o poeta no próprio ser, atinge o "eu profundo" e procura comunicar o que tenta distinguir, conhecer — a paisagem interior, a natureza transreal.

... florescem as rosas melindrosas,
e esses esquivos lírios pensativos
do meu íntimo jardim, do bizarro jardim da minha exaltação.

Seu vocabulário é todo metafórico. Quando fala da natureza estabelece a relação "eu"/"não-eu", sendo este uma extensão do primeiro. O "não-eu" é espaço, limite onde vivencia o "eu". É complemento — a Terra, a Amada e a Humanidade. Da união de ambos surge a Musa, a Vida. A Luz é energia vital nos dois polos Amor e Ideal, a fecundar o espaço. Há, ainda, um terceiro elemento intermediário — a Primavera e o Outono — tempo de florir e frutificar, misto de Sol e Terra.

O emprego de vocábulos que representam elementos da natureza, é conseqüência da tentativa de organizar o caos interior do inconsciente, estruturando seu cosmo pela "imago mundi". Este fato, constatado na poética wamosyana, levou alguns críticos a atribuírem ao simbolismo de Alceu as características do simbolismo da própria linguagem, presente na obra de todas as escolas, com

sua significação transparente e, portanto, de "fácil" interpretação. Mas, como diz Mircea Eliade: "o modelo exemplar não dificulta a marcha criadora." (2) O simbolismo de Wamosy possui as características da escola simbolista, embora não tenha recorrido a todos os seus recursos. A grandeza do poeta está, justamente, em ter usado a linguagem de sempre e dado a ela uma dimensão total e profunda, cuja carga lírica intensa gera a simplicidade que buscou conscientemente. (3)

"A poesia não é somente emoção, amor, mas tomada de consciência dessa emoção." (4) É um processo de conhecimento distinto da lógica, a intuição. A natureza fundamentalmente metafórica da poesia levou Mallarmé a afirmar que nomear reduz o prazer do poema, "sugeri-lo, eis o sonho... pois deve haver sempre enigma em poesia..." (5) Libertado dos grilhões formais, o texto adquire, então, uma abertura permanente. O símbolo passa a representar "o conteúdo vago e multitudinário do mundo interior do poeta. "Por isso "o símbolo é mais do que uma convergência de caminhos: é uma iluminação. É, mais do que uma posição privilegiada: é centro dinâmico de onde a verdade se dissemina, em todos os sentidos e sobre todos os planos da realidade — É uma síntese." (6)

Assim, o aspecto estático dos poemas de Wamosy é apenas aparente. Quando mergulha em seu íntimo, ao poeta interessa a relação interna evocada na mente pela sensação das coisas. O símbolo cresce, torna-se centro da obra, ilumina-a toda, dando-lhe uma dimensão dinâmica, ao procurar captar uma realidade em transformação, fixando o momento, fração de tempo, que flui e modifica todas as coisas.

É loiro o céu agora... É loira a sara... É loira
A terra toda, de onde a sementeira estoira,
Numa germinação vigorosa e latente.

O arquétipo SOL enche de vigor as páginas. A energia vital que representa, desprende-se do poeta sob a forma de Ideal ou de Amor e age através das estações fecundas — Primavera o Outono — atingindo o espaço, o mundo, o "não-eu" que é a Terra. Ora é a terra fecunda, terra mãe, fonte de energia:

(2) Mircea Eliade — Mito y Realidad — Madrid, 1968 — Ediciones Guadarrama, S.A. — pág. 159.

(3) E. Rodrigues Till — Prosa de Wamosy — Porto Alegre, 1967 — Edições Sulina — pág. 74 e 75.

(4) (5) (6) Massaud Moisés — O Simbolismo — A Literatura Brasileira — São Paulo, 1973 — Cultrix — pág. 35.

Terra que és minha mãe, abre-me os braços!
No teu seio materno, que oferece
Uma fecunda e redemptora messe

ora é a terra virgem, a mulher amada, terra a ser fecundada pela luz que irrompe do céu:

Aos teus vergéis hei de gular meus passos,
E a ti hei de doar, Terra abençoada e calma,
Toda força imortal que existe nos meus braços
E a torrente de amor que irrompe da minha alma!

Da união CÉU e Terra surge a poesia, seu fruto, sua criação e está completo o mundo do poeta.

O "eu" é o coração, a alcova, e, às vezes, o céu. Aí reina a obscuridade e até mesmo as trevas. Seu "eu" mais profundo lhe é desconhecido e se apresenta com a dimensão amplificadora das trevas, gerando a sensação de angústia e medo, premonitória da morte.

Porque a morte há de vir, quando a alma toda canta
E em nosso coração, vibrante, se levanta,
O epíclise do amor, em rútilo alvoroço?!

Os elementos que formam este universo luminoso e e que têm apresentado Alceu como poeta do Amor e da Morte, indicam-nos, pelo valor simbólico, a sua preocupação com a problemática do tempo, o que também é, aqui, uma característica impressionista, influenciada pela filosofia de Bergson. O Sol que nasce e morre, mas mansamente, "suave estrada de luz por onde tantos vão"; a Tarde, a Aurora, a Primavera e o Outono. É o tempo que domina, que impera, que marcha inexoravelmente. Para onde? Para o "não-tempo" — a Morte que é representada pelas imagens dramáticas de uma constelação noturna formada pela Lua, a Treva, o Lago, o Jardim, Ofélia e as "camélias de luz florindo entre a água verde-escura".

Como acentua Husserl, a integração de nossa vida espiritual se concretiza através do fluir do tempo e pela soma dos diversos momentos de nossa mutável realidade existencial (7). Já o homem primitivo demonstrava a preocupação de anular o tempo cronológico através do mito que restabelecia o tempo sagrado. A Arte também é mítica, a obra "vence o peso do tempo morto e dá segurança capaz de abolir o passado, de recomeçar a vida, de recrear o mundo", (8). Alceu também queria uma volta às origens, a re-

(7) Afrânio Coutinho — A Literatura no Brasil — vol. IV — Rio de Janeiro, 1969 — Editorial Sul Americana S.A. pág. 14.

(8) Mircea Eliade — Mito y Realidad — Madrid, 1968 — Ediciones Guadarrama, S.A. — pág.

cuperação do tempo perdido, como foi fruído da primeira vez, a recuperação do passado, a época beatífica dos começos — a primavera, — pela saudade na maturação do outono.

É o anseio de eternidade que, na obra *Poesias*, encerra Coroa de Sonhos com a visão da morte ao por do sol, "tristonho e doloroso, / quando o lago adormece, e o vento está em repouso / e a lâmpada do sol no altar do céu não arde. "Passagem leta, sem crise, nem ruptura. Agonia ao lado da Mãe e da Noiva, tentando a volta às origens através da sua voz, do seu olhar e do seu beijo, reconquistando, no momento supremo, o tempo perdido e penetrando com ele na eternidade.

E morrer... Levar com a vida que se trunca
Tudo que da doçura e de amargor teve a vida...

"O presente é o resultado do passado, daí a necessidade de recordar, reviver, ressuscitar o passado perdido".

2 — ALCEU WAMOSY — POETA DA CLARIDADE

Cleodes Maria Piazza Julio Ribeiro

A obra poética de Alceu Wamosy se organiza em coordenadas comuns aos poetas simbolistas mesmo quando utiliza um processo formal não enquadrado dentro dos preceitos do movimento.

A arquitetura dos seus versos não cria multiplicidade de centros, mas só um núcleo irradiador que contém a emoção de um só ser, onde sua vida interior, iluminada pela emoção, se estende a todo o seu universo. Nenhuma nota dissonante nesta arquitetura lírica: atenua a violência cromática, a agudeza dos perfumes, a precisão das imagens, subordinando todos os elementos à reverberação da sua luz interior. Suas paisagens têm cores, luzes, aromas sim, mas não têm chão, terra como suporte.

A mulher amada não tem "corpo", nada resistente, nada de contornos. Tem brilho nos olhos, "mãos que parecem feitas de neblina, e da agonia do luar nas rosas", mas não tem fisionomia marcante, nem pernas, nem seios, entendidos aqui na sua forma plástica.

"Quando falamos na poesia lírica, em imagens, portanto, não podemos lembrar absolutamente de pinturas, mas no máximo de visões que surgem e se desfazem novamente, despreocupadas com as relações de espaço e tempo." (Staiger, E. P.F. da P.) Em outras palavras, para o poeta lírico não existe uma substância, mas apenas acidentes. Daí porque, os núcleos geradores da obra poética de Wamosy, ao redor dos quais gravitam as outras esferas da sua imagística são claros e dissolventes, reorganizados sempre que houver mudança no mundo interior do eu lírico.

Estes núcleos irradiadores geram constelações simbólicas significativas dos pólos vitais do poeta: o Amor e o Ideal poético. Tanto o Amor quanto o Ideal têm como suporte o mesmo signo: LUZ.

A Luz enquanto investida do significado "Ideal" liga-se originariamente ao mito do fogo celeste, e enquanto investida do significado Amor, ao mito do fogo telúrico (gerador).

O fogo celeste é o sagrado.

A luminosidade sustenta o canto lírico por quanto é ele que transmite o sagrado uma vez que (o sagrado) torna vãs todas as tentativas de aproximação imediata. Só os poetas nele introduzidos é que sabem dizê-lo. Mas este saber significa aqui pressentir e o pressentimento, segundo Heidegger, concerne ao que vem e se levanta, isto é, a aurora.

O fogo se transforma, se espiritualiza, se torna luz. Assim, o espaço do sagrado passa a ser o espaço do Ideal em A. Wamosy.

"Eis a gleba ideal, do sol...

Onde há o claro esplendor de uma manhã risonha".

Ou ainda:

"Dos teus raios de luz doirada e merencória

Que encham de claridade o fundo do meu ser".

O poeta é então o que pode antecipar uma nova semântica aos símbolos dos homens do seu tempo, se reconhece como aquele capaz de tornar exitoso o canto lírico e assim poder testemunhar o sagrado.

(Bênção — pág. 123 e Louvor das Mãos)

"Eu te bendigo...

Pela fonte de luz que em mim existe".

Embora esta plenitude, que é todavia momentânea, percebesse claramente o deslizar da alma lírica para novas situações onde a luz, a claridade, o sol — o Ideal — não é conquistado.

"A ventura completa é céu que não se alcança."

O mundo agora não mais fornece resposta à ânsia de Ideal: "Céu sem luz" fechando-se pois a qualquer tentativa de escape para além dos limites do sonho.

"Sentindo o coração

Como uma velha urna onde dormisse, em pó,

Todo em sonho de amor e de beleza".

A partir desta constatação o poeta neutraliza um dos pólos — o Ideal — quando passa a descrever a descida das alturas do momento criador para um momento de esterilidade:

"Triste paisagem, de alma esbatida e confusa.
Céu sem luz, a chorar sobre a viuvez das rosas
Com que coroei minha musa."

A constelação luminosa organizada ao redor do Ideal (fogo, luz, sol, teias douradas, céu aberto, esplendor, despertar), se afirma também num esquema opositivo: a inspiração estéril, o ato criador impotente são simbolizados através de imagens crepusculares, brumosas e noturnas.

"E eu, desde aí, reflito o outono..."

O mito do fogo aparece ainda na alusão à Fênix que renasce das próprias cinzas:

"Não tens lume, nem pão? Morre de frio e fome
Legando como herança...
A cinza do teu corpo e a glória do teu nome."

O fogo telúrico enquanto símbolo ambivalente e portanto gerador, origina o outro pólo da visão de mundo de Wamosy. O signo Luz é desdobrado em novo significante "Luz" enquanto nome próprio, recortado a imagem da mulher amada.

Este jogo simbólico entre a emoção e o seu objeto, restitui à Mulher e ao Amor, mais ou menos já exorcizados pela ciência e pelo hábito, o halo de mistério que é tônica da poesia simbolista, e de significado vital para o poeta exilado.

"No exílio, luz, do teu beijo
Quanta tristeza me invade..."

ou então

"Mãos que são tuas, Luz, e hei de senti-las
Minhas pálpebras lívidas fechando
Sobre os soes muribundos das pupilas."

A amada é o símbolo e recorta toda a realidade. Realidade esta cujos contornos adquirem sentido quando iluminados por sua luz.

"Há camélias de luz florindo entre a água verde-escura".

Todo o clima espiritual e emocional da obra de Wamosy não pode ser entendido separado do referente que é o mundo dos objetos, porque é a expressão de um comportamento específico do homem em relação ao mundo.

Cabe aqui uma referência ao comportamento do simbolista, ou seja, a revelação do declínio do eu que se torna solitário, que se deseja outro.

"Todo um velho jardim, doloroso e adormecido,
é o meu destino..."

É sua imagem que perpassa todo seu mundo lírico. Imagem aqui, não no sentido de reprodução ou retalho, mas algo em si. A imagem como algo de próprio em substância e significado, em aparência e aspecto. O que surge, à primeira vista como pálido e diáfano ideal feminino e amoroso, tem uma configuração própria: ela também representa em si o Eterno, porque espiritualizada.

O Amor, aqui singularizado, é uma exemplificação e manifestação do Eterno.

3 — O CROMATISMO EM ALCEU WAMOSY

Lígia Cadernatori Magalhães

Os sistemas cromáticos, desde a associação poética que empresta às cores, sinestésias precisas até os sistemas ligados aos fatos cromáticos nas comunidades primitivas e a conotação das cores nas sociedades ocidentais, constituem uma das semióticas das comunicações visuais, de vasto domínio e com várias pesquisas em andamento.

Sem a pretensão de estabelecimento do código de Alceu Wamosy mas apenas por mencionar um dos possíveis índices isotópicos, é expressiva a organização de um sistema cromático, em sua obra. Por sistema cromático é aqui entendido uma unidade de conjunto que abrange uma rede de relações entre as cores elementos e que tem um eixo regulador: a luz.

Isso corresponde à realidade física: a luz é o agente que produz a sensação visual que permite ver a cor.

Mas a luz, em torno da qual gravitam as imagens do poeta, é uma metaforização do espiritual, do mítico, do idealizado.

SOL DE OUTONO

"Dos teus raios de luz doirada e merencória,
Que enchem de claridade o fundo do meu ser,
Quando de mim se afasta a estrela da vitória,
É que me vem, ó sol, este anseio de crer
Na piedade e no amor, no futuro e na glória,
de lutar, de subir, de amar e de vencer"

Para levantamento dos principais elementos cromáticos, suas relações e carga semântica fez-se uma taxinomia dos substantivos mais freqüentemente empregados e da adjetivação cromática que recebem.

Não foram considerados os cromatismos determinados por correspondência física ao real mas apenas aqueles nascidos de uma intuição criadora. Isto é, há cores que apenas descrevem uma realidade externa sendo, portanto, sua função meramente descritiva e não simbólica.

O levantamento conduziu à afirmação de existência de um sistema cromático com coerência interna que possibilita a individualização de um nível semântico.

Nesse sistema cromático, manhã e tarde como surgimento e afastamento do sol, recebem a mesma adjetivação cromática atribuída a substantivos abstratos reunidos por um mesmo eixo semântico:

DOIRADO

manhã
sonho

AZUL

tarde

Afastamento
(sema)

{ nostalgia
{ mistério
{ saudade

"dos olhos meus passastes rente,
como uma flor triste e dolente,
na sombra azul do entardecer."

"Era o aroma sutil que trazia contigo
para o mistério azul da penumbra da sala."
"... O jardim todo lembra um altar
para o qual sobe incenso azul de nostalgia."

O sonho é doirado quando persiste a esperança de alcançá-lo:

"O castelo doirado do meu sonho."
"de um sonho de ouro que afaguei contente."
"um áureo sonho, um grande sonho de beleza."

Torna-se preto o sonho perdido:

"o cisne negro de meu sonho."
"e como um triste cisne preto,
.....
Passa a visão sonâmbula de Hamletô."

Numa tentativa de interpretação, poder-se-ia dizer que o sonho é doirado, quando próximo de seu mundo ideal; é negro, ausente de cor, quando afastado da idealização.

O negro, como ausência de cor, está associado ao silêncio e ao mal:

"Com o selo negro de um silêncio mudo."
"Daqueles a quem punge um mal negro e profundo."

A união de todas as cores que é o branco, adjetiva a serenidade, a tranquilidade, a candura, a mansidão e o Amor Espiritual, que se configuram como a grande unidade.

"Bem felizes de vós, almas serenas,
Almas tranqüilas, cândidas e mansas
.....
Almas castas, louçans como verbenas,
Como as pombas nevadas e as crianças."

"Amor espiritual, casto como uma prece,
de uma pureza ideal de alvas toalhas de altares."

Outras cores e tons surgem na obra de Wamosy com incidência menor: rosa, verde, vermelho. Como a ocorrência dessas cores é limitada, não é perceptível a sua função em um sistema.

ANTOLOGIA

IDEALIZANDO A MORTE

Morrer por uma tarde assim como esta tarde
Fim de dia outonal, tristonho e doloroso,
quando o lago adormece, e o vento está em repouso,
e a lâmpada do sol do altar do céu não arde.

Morrer ouvindo a voz de minha mãe e a tua,
rezanda a mesma prece, ao pé do mesmo santo,
vós ambas tendo o olhar estrelado de pranto,
e no rosto, e nas mãos, palidez de lua.

Morrer com a placidez de uma flor que se corte,
com a mansidão de um sol que desce no horizonte,
sentindo a unção do vosso beijo ungi-me a fronte,
— beijo de noiva e mãe, Irmanados na morte.

E morrer... E levar com a vida que se trunca,
tudo que de doçura e amargor teve a vida:
— O sonho enfermo, a glória obscura, a fé perdida,
e o segredo de amor que eu não te disse nunca.

PORQUE?

Si tu és tão bom, Senhor — si o teu poder é tanto,
Que terra e mar e céus, tudo tu tens na mão;
Si os que vivem sofrendo, achar consolo vão,
Nas dobras imortais do teu paterno manto;

Si não és, simplesmente, a simples ilusão
Dos que os olhos já têm, secos de chorar tanto;
Si apagas toda a dor e enxugas todo o pranto
Que a desdita acumula em nosso coração;

Si és o supremo bem; si és o gozo supremo
Daqueles a quem punge um mal negro e profundo,
E a quem abre e prosta um sofrimento extremo;

Dize porque é, Senhor! Dize, Senhor, porque é
Que ainda andam a gemer, nas solidões do mundo,
Bocas que não têm pão — almas que não têm fé?

TERRA

Quando eu voltar, descrente e fatigado,
Da romagem do sonho e da alegria,
Trazendo na alma toda a nostalgia,
Toda a saudade amarga do passado;

Quando o meu lábio triste mais não ria,
Nem ria o coração triste e gelado,
E venham, soluçantes, ao meu lado,
As ilusões que foram o meu guia;

Terra que és minha mãe, abre-me os braços
Que eu repouse, tranqüilo, dos cansaços
Que hão de prostrar-me o corpo, dolorosos,

No teu seio materno, que oferece
Uma fecunda e redentora messe
De novas sensações e novos gozos...

PEREGRINAÇÃO

Peregrino da Terra, espírito de lenda,
Toma a sacola e o manto, arrima-te ao bordão.
Vamos peregrinar os dois por esta senda,
— Suave estrada de luz, por onde tantos vão...

Sem ter nada que à terra nossas almas prenda,
Levando como um facho a luz da Redenção,
Iremos a cantar, armando a nossa tenda,
Em cada uma Esperança, em cada uma ilusão

E assim, ambos a sós, sombra despercebida,
Iremos pelo mundo, iremos pela vida,
Levando o mesmo Ideal, pisando a mesma estrada...

E havemos de chegar bem cedo a esse país.
Onde se canta sempre e sempre se é feliz,
Sob a perpétua luz da eterna madrugada...

REVELAÇÃO

Triste paisagem, de alma esbatida e confusa.
Céu sem luz, a chorar sobre a viuvez das rosas
com que coroei minha Musa,
nas tardes dolorosas
do meu outono de recordações.

Geme dentro de mim a divina tristeza
de estar só,
sentindo o coração
como uma velha urna onde dormisse, em pó,
todo um sonho de amor e de beleza.

Não há nada preciso:
Um acorde, um soluço, uma tinta, um sorriso.
E bastava, no entanto,
o gesto só de Alguém que eu não sei mais quem seja,
para se realizar, como de encanto,
tu que o meu espírito deseja,
e que vêem os meus olhos, à distância,
sempre que a exaltação à alma me prende
um par dessas em ânsia.

E o que o meu coração ansioso espera
que se desvende,
de graça, de paixão e de harmonia,
tudo desvendaria
o seu olhar radiante de Químera...

A HERANÇA

Que mágoa tão profunda os olhos teus contrista?
Porque pendes a frente, ó tu, que fostes um forte,
Misto de lutador, de apóstolo e de artista?

Morde-te, acaso, a inveja? O mundo te espesinha?
Não te furtas, por isso, às batalhas da sorte:
O mundo é tão infame! A inveja é tão mesquinha!

Fecha-te no teu sonho, e vive alheio a tudo,
Crendo que há uma justiça onipotente, que há de
Tua alma proteger, como divino escudo.

Não tens lume, nem pão? Morre de frio e fome!
Legando, como herança, à Inveja, à humanidade,
A cinza do teu corpo e a glória do teu nome...

SOL AMIGO

Este raio de sol, dourado e quente,
De uns tempos para cá, todos os dias,
vem trazer-me a sua luz alegremente,
E vem povoar-me a alcova de alegrias

Este raio de sol, que, quando ausente
Fica, pelas manhãs tristes e frias,
Na aridez do meu peito deixa a ardente
Amargura das fundas nostalgias;

Este raio de sol, ó meu amigo
E é o único, talvez, que não se esquece
De vir saudar-me e conviver comigo.

E que espalha com a luz serena e calma,
Na alegria piedosa de uma prece,
Um batismo de amor sobre a minha alma!

DUAS ALMAS

A Coelho da Costa

Ó tu, que vens de longe, ó tu, que vens cansada,
entra, e, sob este teto encontrarás carinho:
Eu nunca fui amado, e vivo tão sozinho,
vives sozinha sempre, e nunca foste amada...

A neve anda a branquear, lividamente, a estrada,
e a minha alcova tem a tepidez de um ninho.
Entra, ao menos até que as curvas do caminho
se banhem no esplendor nascente da alvorada.

E amanhã, quando a luz do sol dourar, radiosa,
essa estrada sem fim, deserta, imensa e nua,
podes partir de novo, ó nomade formosa!

Já não serei tão só, nem irás tão sozinha:
Há de ficar comigo uma saudade tua...
Hás de levar contigo uma saudade minha...

OFÉLIA

A lua,

— a saudade que o sol deixa na alma do espaço —
pelas águas do lago
vai levando a doçice errante do seu passo,
como uma virgem nua,
delirante, em um sonho arcangélico e vago.

Há camélias de luz florindo entre a água verde-escura

E, como um triste cisne preto,
pela bruma,
passa a visão sonambula de Hamleto,
despetalando, uma por uma,
todas as rosas de um jardim de sonho e de loucura...

MÃOS DE MYREIA

As tuas mãos, Myreia, são tão finas,
Tão pálidas, tão longas, tão sedosas,
Que até parecem feitas de neblina,
E da agonia do luar nas rosas...

Lembram, nas suas formas peregrinas,
Na escultura das curvas deliciosas,
Mão de princesa — virginais, felinas,
Torturadas, sinistras, voluptuosas...

Mãos claustrais, para unção de agonizantes...
Mãos que ferem a gente, acariciando,
Num torvelim de sonhos estonteantes...

Mão que são tuas, Luz, e hei de senti-las
Minhas pálpebras lívidas fechando
Sobre os sóes moribundos das pupilas...

SOL DE OUTONO

Tu verses ta douceur, pale soleil d'autome

J. Moréas

Ó tristes sóes de outono! Ó moribundos sóes,
Cheios de palidez, de amargura e de sono,
Feltos para coroar fronte mortas de heróis,
E de artístas sem pão, que vivem no abandono!

Só tu, meu velho sol, meu sol amado, sóes
As almas sem afeto e os corações sem dono,
Fazer vibrar no amor, e florir nos escóes
Dos sentimentos bons, glorioso sol de outono!

Dos teus raios de luz doirada e merencória,
Que enchem de claridade o fundo do meu ser,
Quando de mim se afasta a estrela da vitória.

É que me vem, ó sol, este anseio de crer
Na piedade e no amor, no futuro e na glória,
De lutar, de subir, de amar e de vencer!

GLÓRIA SUPREMA

Cavaleiro do Sonho, a estrada flórea
Sigo, da Vida, em límpida conquista,
Disso que os outros homens chamam glória,
E não é mais que uma visão de artista.

Eu resumo a existência à doida história
Dessa alucinação de simbolista...
As Walkyrias aladas da Vitória,
Rasgam céus e mais céus à minha vida...

Mas, si um dia tombar, como suponho,
O castelo doirado do meu sonho,
E a Deusa infiel abandonar meus passos,

Inda serei feliz: Basta, querida,
Para coroar-me a fronte, ao fim da vida,
A coroa de carne dos teus braços!

PÓRTICO

Eis a gleba ideal, do sol, das flores! Terra
Onde há o claro esplendor de uma manhã risonha...

Que a alegria da vida e a paz do amor encerra...
Que o meu olhar vislumbra, e o meu desejo sonha...

Bendita sejas tu, Terra-Virgem da crença!
Oásis de luz num Sahara infinito de amargura!
Ó Terra-Virgem que és como uma estrela imensa,
A irradiar no céu, por uma noite escura!

Bendita sejas, tu, Pátria que te antevejo
Na aurora de um porvir de alegria e de encantamento!
No teu seio repousa, eterna, o meu desejo:
— Desde a glória que sonho, às ilusões que canto!

Aos teus claros vergéis hei de gular meus passos,
E a ti hei de doar, Terra abençoada e calma,
Toda a força imortal que existe nos meus braços,
E a torrente de amor que irrompe da minha alma!